

O DIABO		MAIS	
TEMPO		TV-GUIA	
O PAÍS		SETE	
O JORNAL		ÉXITO	
TAL & QUAL		A BOLA	
EXPRESSO		GAZETA DOS DESPORTOS	
SEMANARIO		RECORD	
		OFF-SIDE	
<i>A Capital</i>	-7. NOV. 1985		

## UMA DESISTÊNCIA DUAS DERROTAS

**P**OUCO menos efêmera que a rosa de Malherbe, a «disponibilidade» de Costa Brás para se candidatar à Presidência da República desvaneceu-se tão depressa como se manifestara. Não têm, no entanto, conta as acelerações cardíacas a que deu lugar nos escassos dias que durou. Por temor dos malefícios de que era portadora? Por aparentar ser a tábua de salvação de quem, sem ela, dificilmente se salvará? Tanto faz. O mistério que a trouxe foi o mesmo que a levou e nem a pequena história, decerto, se ocupará do episódio.

Independentemente, porém, das verdadeiras razões que estiveram na base do aparecimento e do eclipse do coronel como presidenciável, importa uma breve reflexão sobre o fenómeno e as perspectivas que a inesperada desistência — singularmente, ou talvez não, coincidente no tempo com o anúncio da hipótese Zenha — veio abrir às três candidaturas de há muito firmadas.

Torna-se claro que o menos implicado nas consequências do gesto de Costa Brás é Freitas do Amaral. O candidato preferido do general Eanes estava destinado a cavar noutro campo eleitoral, ou, para ser mais rigoroso, noutros campos eleitorais que não propriamente os da direita e do centro; era à esquerda, já de si dividida, que o apelo do coronel se dirigia. Mas, se Soares tinha algumas boas razões para se não preocupar excessivamente com o facto, já Pintasilgo as não tinha menores para se sentir ameaçada.

Neste momento, todavia, e a menos que Zenha avance (tudo é possível neste País de originalidades...), quem se vê, de novo, a braços com motivos de inquietação é Soares, enquanto Pintasilgo reganha força para voar.

No meio disto tudo, embora lhe não seja, naturalmente, indiferente o adversário com quem terá de se defrontar na segunda volta, Freitas do Amaral bem pode manter a serenidade. Quanto maiores forem indícios de desorientação na área da esquerda, mais crescem as possibilidades do candidato não socialista.

Deixemos, porém, estes aspectos, que revelam sobretudo da aritmética, e detenhamo-nos nos relexos que a decisão de Costa Brás inevitavelmente terá no comportamento próximo do actual Presidente da República, por um lado, e do Partido Comunista, por outro. E que ambos foram, cada um à sua maneira, os principais derrotados em toda esta questão.

O general Ramalho Eanes apostou abertamente num candidato que, afinal, não era apoiado pelo PRD, dando assim a primeira nota pública de um desentendimento que, por incidir sobre matéria de tanta relevância, se presta aos mais desalentados augúrios. Será que Eanes, depois deste rotundo falhanço, e não contente com ele, vai ligar (ou consentir que se ligue) o seu nome a outro a candidato, independen-

que o Futuro



TORQUATO  
DA LUZ

temente da receptividade que este possa ter no seu (dele, Eanes) partido?

Quanto ao PC, está mais que visto que só avançou com a pseudocandidatura de Angelo Veloso na suposição de que a de Costa Brás era um dado adquirido. Corre agora o risco de lhe estalar a castanha na boca: ou mantém Veloso até ao fim, sujeitando-se a uma humilhação semelhante à sofrida com Pato, ou terá de arrear caminho, optando pelo apoio a Pintasilgo e engolindo em seco a acusação que Cunhal lhe fez de ter sido «precipitada». Precipitação por precipitação, veremos qual foi a maior. Salvo, é claro, se também os comunistas estão à espera de que S. Zenha lhes estenda o braço caridoso que, num dia já distante, lhes estendeu Melo Antunes (segundo as más-línguas, o verdadeiro estratega da «solução» descoberta por Arnaut...).

★

O poeta Jorge Guimarães, que muito estimo, deu-se ao trabalho de me convidar para o lançamento do seu novo livro, «A Dor de Deus». Fui e gostei: do lançamento, onde encontrei algumas pessoas com quem ainda vale a pena a gente encontrar-se, e do livro, que, sendo de Jorge, só podia ser bom. E é.